

Apresentação

Seção Temática: Papel: suporte da arte e da informação

Márcia Almada

Organizadora da Seção Temática
Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: marcia.almada@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9046-9229>

O dossiê temático “O papel: suporte da arte e da informação” reúne estudos em torno deste material de natureza celulósica, flexível e versátil, útil para o registro de informações, a transmissão de conhecimento, a veiculação de notícias ou a produção artística e visual. É usado para a escrita, o desenho e a pintura e interage com diferentes tipos de tintas e materiais pictóricos, possibilitando transitar da bi à tridimensionalidade. Sem dúvida, é um produto multifuncional.

O papel pode ser formado por fibras curtas ou por fibras longas de algodão, linho, cânhamo, amoreira, entre outras plantas. Pode conter aditivos como colas e cargas ácidas ou alcalinas, o que conformará suas características de durabilidade, flexibilidade e resistência a danos mecânicos ou biológicos. Os componentes do papel também afetam sua textura, cor, corpo, impactando nas impressões táteis e visuais. Apreciar suas qualidades demanda um interesse especial que permite extrapolar a obviedade de um artigo tão presente no nosso cotidiano contemporâneo.

Mas nem sempre o papel esteve tão disponível. Até a metodização da produção mecanizada com o uso de fibras extraídas de madeira, a partir de meados do século XIX, e a industrialização com as novas tecnologias de beneficiamento da matéria prima para melhoria das qualidades funcionais e da durabilidade, o papel era considerado um material raro e de luxo, tendo sido incluído entre os presentes trocados por embaixadores nas sociedades ocidentais e orientais. Mesmo na contemporaneidade, quando imbuído de alguma característica especial ou ornamentação, como os papéis de carta floridos e aqueles produzidos artesanalmente com texturas de fibras variadas, pode ser considerado um objeto de coleção entre outras preciosidades. De modo igual aos origamis, podem transformar-se em brinquedos efêmeros de diversões infantis, como aviões, espadas e chapéus. São inúmeras as etapas, do durar ao reutilizar e, enfim, descartar.

A presença, uso e permanência do papel nas sociedades do século XVII ao XXI está no centro das discussões desta edição da Revista Pós, em um caminho capaz de unir olhares diversos sobre o tema. Tendo a interdisciplinaridade do olhar e dos métodos como proposta norteadora, os dez artigos deste dossiê foram organizados em quatro eixos permeáveis entre si e que não se obrigam a uma ordem cronológica: produção, criação, circulação e preservação.

O artigo "As primeiras fábricas de papel na cidade do Rio de Janeiro no século XIX", de Thais Helena de Almeida e de Ozana Hannesch, traça uma biografia dos primeiros moinhos papeteiros instalados no Brasil a partir de 1809, sediados na cidade do Rio de Janeiro. Com a chegada da família real, D. João VI passou a estimular o funcionamento de empreendimentos produtivos na então colônia portuguesa através da isenção de direitos pelas matérias-primas e a concessão de benefícios que perduraram após a Independência. Papelão, caixas, papel de embrulho e mesmo papel de parede para decoração de residências foram produzidos por empreendedores como Joaquim José da Silva, Zeferino Ferrez, e André Gaillard. Estes e outros precursores da manufatura papeteira enfrentaram grandes desafios, entre eles a ausência de profissionais especializados, mas, sobretudo, a carência de matéria-prima capaz de substituir as já escassas fibras provenientes de trapos de roupas, um problema enfrentado em todo mundo ocidental. É sabido que desde fins do século XVIII já se buscavam, no Brasil, fontes alternativas de celulose em fibras nativas como a da bananeira, do milho e da cana-de-açúcar, mas mesmo com incentivos e privilégios financeiros, poucas fábricas e iniciativas prosperaram.

A carência de matéria-prima e de mão de obra especializada é um problema recorrente na história da fabricação do papel, impactando diretamente o fluxo de circulação desse material indispensável à cultura letrada e artística. Tendo em vista o caráter eminentemente escrito da relação entre as sedes dos impérios ibéricos e as colônias de ultramar durante a época moderna, pode-se imaginar a extensão do problema a ser enfrentado pela administração colonial. José Balmaceda se debruça sobre esse aspecto no artigo "Dependencia y escasez del papel en las colonias Hispanoamericanas". São diversas as abordagens do autor para configurar o cenário internacional da produção e comércio do papel. Trata, entre outros temas, das guerras políticas e religiosas como responsáveis pela carência de mão de obra especializada; do monopólio da produção e comercialização pelos genoveses, arruinando moinhos de outras regiões europeias; da especificidade técnica dos papéis para imprensa, estampa ou escrita manual; da demanda de regularidade da produção pelas tipografias; e do mecenato real para expansão da produção espanhola, concentrada em Valência. O texto é fundado em extensa pesquisa documental e contribui para esclarecer aspectos pouco co-

nhecidos da história da circulação do papel nos séculos XVII e XVIII a partir da experiência da Espanha e suas colônias americanas.

A partir do estudo de uma carta em um único fólio de um papel de fibra de algodão, escrita em 1826 por um comerciante português atuante em Pernambuco, o artigo “De vossa mercê, António José d’Amorim: estudo interdisciplinar de uma carta do século XIX” expõe a complexidade apresentada por um objeto. Composta por profissionais da área de História, Filologia e Física, a equipe de trabalho explora as potencialidades de análise e investiga as várias camadas de informação possíveis de serem decifradas. Inicia-se com a biografia dos sujeitos envolvidos na produção e recepção da missiva e com as análises das condições econômico-sociais de Pernambuco na década de 1820. Parte-se para análise paleográfica e filológica da carta, na qual o gestual da escrita revela o sujeito atrás da pena e os recursos e habilidades por ele usados para fazer valer suas ideias, em um contexto histórico no qual a oralidade ainda influenciava a forma do registro escrito. Passa-se então à caracterização físico-química do papel, do lacre e da tinta, cujos exames realizados são apresentados de maneira sistemática, valorizando a potencialidade da instrumentação portátil para a caracterização dos elementos e compostos do material gráfico, gerando dados para a pesquisa histórica e para os tratamentos de conservação-restauração do objeto.

A partir do acervo de uma figura emblemática no campo da conservação-restauração de papel no Brasil, em “O arquivo pessoal de Guita Mindlin: contribuições para a historiografia da conservação-restauração de documentos gráficos no Brasil” Aloísio Castro reflete como a atuação desta personagem pode ser considerada um paradigma da formação e atuação dos restauradores de documentos gráficos no Brasil. Explorando seu acervo pessoal, composto por cartas, cadernos, documentação fotográfica, amostras de materiais, publicações técnicas, etc., conforma-se o perfil mais íntimo de uma profissional interessada no desenvolvimento das práticas, dos equipamentos de trabalho e da formação profissional no campo. Guita Mindlin foi um paradigma das abordagens teórico-metodológicas empregados na década de 1980, pois aplicou e disseminou as técnicas e materiais aprendidos em diversos cursos e estágios profissionais no Brasil e no exterior. Guita Mindlin tratou da conservação e restauração de livros, documentos impressos e manuscritos e encadernação artesanal com vistas a despertar o interesse coletivo pela documentação gráfica, ao mesmo tempo em que defendia a especificidade das diferentes tipologias desse campo e a consequente autonomia dos elementos bibliográficos em relação ao “papel”, como também discutido por Ana Utsch. O artigo é fruto de pesquisa inédita e relevante para o campo da conservação-restauração de documentos gráficos e é um tributo a essa personagem central do desenvolvimento profissional no Brasil.

A investigação interdisciplinar para a tomada de decisões em conservação e restauração de documentos gráficos é o tema do artigo "Value supported decision-making in paper conservation: research announcement". Spiros Zervos e Márcia Almada anunciam um projeto de pesquisa interinstitucional propondo um aprofundamento da discussão sobre a determinação de valores relativos às ações de preservação de documentos gráficos diante da carência de discussões epistemológicas específicas deste campo de atuação, o que acaba por impactar nas ações cotidianas dos profissionais. Os objetos são testemunhos históricos do conhecimento humano e sabe-se que as mínimas intervenções de conservação e restauração podem intervir na qualidade da informação material obtida a partir de três camadas de dados neles perceptíveis: a de natureza textual ou visual; a técnico-material; e a físico-química. À vista da relevância que tem sido dada, no debate contemporâneo, à função social como valor a ser considerado nas ações de preservação, os pesquisadores propõem o desenvolvimento de um modelo que inclua uma quarta camada a ser considerada na tomada de decisões, somando-se às outras três, composta pelos "dados externos" à materialidade do objeto; esta, de natureza histórica e sociológica, integrará o escopo de informações que elencam e fundamentam os valores inerentes ao objeto ou coleção gráfica.

Em "A mecânica dos livros: encadernação, bibliologia e conservação", Ana Utsch destaca a problemática da materialidade dos textos, expressa em sua forma visual mais evidente, ou seja, na tridimensionalidade do livro. A autora investiga a relação entre a bibliofilia e o desenvolvimento da encadernação em função das práticas sociais de circulação, apropriação e salvaguarda, hoje consideradas os pilares da disciplina da cultura gráfica. Neste enfoque, procura-se superar a visão vinculada tão somente às estruturas decorativas, seja dos livros de luxo ou dos modelos standardizados. O debate teórico-metodológico crítico promovido pela autora apresenta referências bibliográficas substanciais e evidencia lacunas na área de estudo, abrindo o campo para novas investigações. Ana Utsch defende o método de análise material dos livros em função dos sistemas mecânicos dos modelos de encadernação e, a partir dele, constrói um "inventário tridimensional" com detalhamento técnico material, reproduzindo gestos e formas bibliográficas de diversos períodos. Apresentados em diferentes etapas de fabricação, possibilitam a visualização das fases de produção. Estes dados registram a plasticidade dos livros e podem subsidiar conceitual e praticamente os procedimentos de conservação e restauração, evitando o uso irrefletido de padrões de encadernações propagados em manuais e textos técnicos.

O olhar sobre a materialidade dos objetos assume as mais diversas perspectivas dependendo do ponto de partida das análises. Na proposta de abraçar a interdisciplinaridade dos estudos e abordagens sobre o papel como matéria criativa, o artigo "À Mary Shelley: materialidade do papel e sua

importância no processo de criação das obras para a exposição *Os Sentidos da Forma – o design como ato poético*” trata do vínculo entre design e matéria-prima, entre plasticidade e fisicidade e entre experiência sensitiva e construção de significados. Anielizabeth Cruz e Ana Karla de Oliveira escolhem o papel como o material posto à reflexão e ao protagonismo de uma experiência que explora suas possibilidades plásticas e mecânicas na criação de um conjunto de quatro peças inspiradas no romance *Frankenstein ou O Prometeu Moderno*, de Mary Shelley, publicado em 1818. O artigo apresenta o processo de materialização das ideias para a exposição através dos diários de criação que misturam desenhos, colagens e escritas. O resultado é uma redescoberta da vinculação entre design e materialidade, tanto no processo criativo quanto na apropriação-percepção da obra, reforçando mais uma vez a vinculação indissociável do desenho/escrita à matéria e aos instrumentos de trabalho.

“Más allá de la bidimensionalidad del papel. Del arte del gofrado al papel hecho a mano en el grabado contemporánea”, de Hortensia García, traz um olhar particular acerca da experimentação artística que se arrisca a modificar o plano da folha de papel, trazendo-o para a tridimensionalidade através das técnicas de relevo associadas à gravura ou à conformação de objetos. A apresentação das experimentações parte da técnica do gofrado a seco, desenvolvida no século X no Oriente, a qual permite registrar uma imagem sem o uso da tinta. A técnica da imagem em relevo se propagou no tempo e no espaço e retornou ao Japão no século XVIII com o nome de *ukiyo-e*. Segundo a autora, a forte presença das gravuras japonesas durante o século XIX na arte europeia fez com que a técnica voltasse a ser utilizada como expressão artística, motivando várias experimentações para adaptação técnica aos diferentes tipos de papel até a contemporaneidade. Já a produção artística e experimental de papel artesanal tomou força a partir dos anos 1960, ampliando as possibilidades de modificação das qualidades primárias do material, interferindo inclusive nos seus componentes básicos para alcançar novas percepções sensoriais.

Em “Os papéis da gravura: uma comparação entre a *Tauromaquia* de Goya e a *Colección de las principales suertes de una corrida de toros* de Antonio Carnicero”, Érica Burini e Patrícia Meneses investigam comparativamente duas séries de gravuras que têm como tema as touradas espanholas. Neste paralelo são analisadas duas vocações da gravura artística: a criação a partir de experimentação técnica e formal ou a reprodução de desenho autoral por mãos de outro gravador. As autoras discutem como as técnicas usadas – a água-tinta e água-forte em Goya e o buril em Carnicero – estão vinculadas às propostas artísticas apontadas. Estas escolhas igualmente refletem diferentes sistemas de ensino, criação, produção e circulação. Através da análise material do papel usado nas obras de Carnero, as autoras confirmam evidências sobre o suprimento de papéis holandeses para

a Academia de Bellas Artes de San Fernando em fins do século XVIII, marcando a transição do domínio genovês para o francês e holandês no mercado espanhol neste período. Por outro lado, a presença de papéis catalães em edições da obra de Goya pode indicar o progressivo desenvolvimento da produção papelreira espanhola nos quase 20 anos que separam as obras dos dois artistas. As características constitutivas de cada um dos suportes vinculam-se também à operacionalidade das diferentes técnicas, como discutido em outros artigos desse dossiê.

Problematizando a revolução da comunicação digital em relação à permanência e prevalência do papel como veículo informacional, o artigo “Técnicas de impressão comercial colorida sobre papel: o apelo material da cromolitografia e da risografia como impressos efêmeros colecionáveis” trata de duas técnicas de impressão colorida e da relação entre permanência e ressignificação dos modos de produção de imagem. Helena de Barros e Igor Arume debatem questões sociológicas e materiais sobre a efemeridade e a perpetuidade dos impressos industriais a partir dos hábitos de colecionismo público e privado. Retomando o clássico texto de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade técnica, discutem como as políticas de preservação praticadas pelas instituições públicas conferem a “aura” de objetos singulares a impressos efêmeros destituídos de seu sentido pragmático originário. Por outro lado, o colecionismo privado de impressões risográficas produzidas por artistas contemporâneos é visto como uma alternativa sensível ao excesso de imaterialidade da cultura digital. Apresentando os processos técnicos de fabricação e as potencialidades gráficas de cada uma das técnicas, incluindo as qualificações necessárias de um profissional “cromista” e de um designer gráfico contemporâneo, os autores concluem que o papel é único material a conferir excelência às duas técnicas de impressão e exige o contato presencial do observador para ser apreciado em suas qualidades táteis e óticas.

Os múltiplos olhares sobre um material tão presente nas nossas vidas cotidianas, reunidos neste dossiê, confirmam que a riqueza da realidade humana não pode ser restringida e que estudos trans e interdisciplinares promovem deslocamentos metodológicos necessários para o aprimoramento da nossa visão de mundo.